

MEDICINA TAMBÉM É CULTURA

Damião Ramos Cavalcanti

Professor da UFPB

Advogado, Cronista, Poeta.

Membro da Academia Paraibana de Letras.

Durante toda a evolução da humanidade, a força da cultura foi protagonista desse fenômeno, demonstrada como atividade humana, mas sempre cultural, de modo a ser tal processo definidor entre os seres vivos: aqueles que não são humanos e os humanos porque realizam cultura, principalmente, em todos os sentidos, para sua sobrevivência. De modo que, constituiu-se, antropologicamente, um paradigma inevitável - ou se faz cultura ou não se sobrevive. Tirando-se daqui outras conclusões definidoras, como sendo o humano o único animal que realiza cultura, de maneira espontânea e criativa, mesmo que, em algumas ocasiões, precise de apoio para isso. Saber quando e onde há carência desse apoio é fruto do discernimento, sabedoria que se adquire ao longo de vivenciadas experiências, cujos sentimentos transformaram a própria cultura, a conduta social, os costumes, os hábitos e a própria arte.

Até os heróis e heroínas que surgiram na História, como protótipos de cidadania e de exemplos na vida cultural, mesmo tendo realizado excepcionais feitos, não resultaram em feitos sobrenaturais, exceção dada às figuras sagradas ou mitológicas, que se distinguiram em fabulosas narrativas, como o do cavaleiro que salvou a bela princesa do dragão que cuspiu labaredas de fogo, matando-o com um dardo. Esses heróis e heroínas não passaram de personagens culturais e também necessárias no âmbito da cultura, fossem cavaleiros, dirigentes políticos, navegadores, astronautas, médicos ou outros que cuidaram de tratar da saúde como uma exigência para se continuar a sobrevivência.

Todos nós passamos por um processo significativo interior de transformação, em nós próprios e sobretudo no nosso grupo social. Ninguém pode se dizer ser a cultura e que alguém depende dessa cultura, nós todos somos dependentes da

cultura, embora tenhamos sido nós que a criamos, a preservamos e a transformamos. Tanto é assim que, no mundo da colonização, os colonizadores, de início, fizeram de tudo para impingir aos colonizados a cultura colonizadora e então dominante.

Mesmo os considerados famosos heróis e heroínas, em toda a literatura universal, se feitos de carne e osso, foram educados e influenciados pela cultura, no espaço em que viveram, fossem um Ulisses (Odisseu) de Homero ou um Ulysses, de James Joyce. Pois, sem alterarem sua “visão de mundo”, conduziram-se dentro da cultura, acreditando nas mais comuns virtudes, nos bons hábitos, alguns imprescindíveis ao fenômeno do heroísmo - a perseverança, a coragem e a resultante do equilíbrio: a prudência. Por isso, os heróis e as heroínas, quando falam, não calam seus próprios sentimentos, seja diretamente, seja por metáforas, alguns sentimentos confissões de discretas fraquezas. Quando não agem, falam para que suas palavras, aprendidas nas suas culturas, façam parte do seu heroísmo, da sua exemplaridade. Nesse contexto, o médico que salva uma vida, que se encontra em perigo de morte, considera-se herói pelos que amam aquele foi salvo. Assim também a cultura, superiora ou igual a qualquer ato de heroísmo, em toda sua força, e que só é assim em relação ao herói porque a ambos lhes é dada a força de uma energia de preservação e, ao mesmo tempo, de transformação. Sem esse movimento dialético, até o herói não herda da sua endocultura ou da cultura do seu grupo (*in group*), o que acontece relativamente na vida cultural da sociedade como um todo.

Ninguém pode se apoderar da vida cultural que pertence a todos para se afirmar ou tentar o impossível: uma vida cultural individual. Aliás, não existe vida cultural de um indivíduo, o que é possível apenas num grupo. Porque a cultura e toda sua força são legítima e substancialmente sociais. Até o direito se normatiza, quando há indivíduos em convivência. Numa ilha de um só habitante, não se fala de direito. Lembro o jargão: *Ubi societas, ibi jus* (Onde está a sociedade, lá está o direito). É incontável o limite da cultura, sobretudo quando se tem a ilusão de isolá-la num indivíduo ou num grupeto de poucos indivíduos para controle, como se estivesse guardando um segredo, a uso próprio, no meio de uma dezena de indivíduos.

Enfim, a humanidade não pode ficar socialmente unida ou em paz, sem a força ordenadora da cultura, que une os indivíduos como pessoas, em independência

e liberdade, através do direito e da arte. Conscientes disso, não seríamos uma massa, mas uma sociedade sem violência, livre, independente. Nesse contexto, imagine, caro leitor, como é impossível amordaçar a cultura ou cortar as suas asas. A cultura é a matéria-prima da própria lei ou das normas, como se fosse a madeira dos nossos móveis...

A natureza não é cultura, seria divina, mas o humano, ao transformá-la, torna-a objeto cultural. E essa transformação é motivada pela necessidade de realizá-la, o humano sentiria falta do que é culturalmente elaborado. A pedra polida para ser instrumento cortante, no manuseio para a caça; o jarro para carregar e conter água ou grãos; a roda para girar em torno de um eixo e carregar pesadas caças; as peles das caças como vestimentas contra o frio ou os desenhos rupestres nas paredes das cavernas. Observe-se que todas as invenções também foram com uma finalidade, como nisso contivesse a “causa final” (*telos*) de Aristóteles, ou a força da causa final. Todos são elementos culturais, advindos do homem.

Nesse contexto, nas sociedades primitivas, sempre havia a necessidade de um curandeiro, e quando isso não acontecia, sentir-se-ia a sua falta. Há uma relação intrínseca entre a necessidade e a falta... O que ocorreria com quem cuidasse das doenças ou fosse sabedor das ervas medicinais e seus efeitos. Atualmente, a necessidade do médico transforma tal profissional numa realidade cultural, até se fazendo a exigência de programas para se atender às mais recônditas comunidades, como é o caso do “Médicos sem fronteira” ou do nosso “Mais Médicos”.

As coisas se definem pela sua finalidade. O que é uma colher? Responde-se com a sua finalidade; também o garfo; o martelo; o prego, *et cetera*. Inclusive as profissões, como a que serviria o construtor, o arquiteto, o padeiro. Ao se explicar que é para fazer pão, diz-se o que é o padeiro e também a sua finalidade. Assim, qual seria a finalidade do médico? O médico deverá exercer a finalidade de cuidar da saúde e curar doenças. Há distorções, quando o jovem, que se formou em medicina para cuidar da nossa saúde, deturpa a sua finalidade profissional, distanciando-se da sua conformidade cultural ou do seu papel no processo endoculturativo. Acentua-se isso, atualmente, quando a escolha vocacional, de várias profissões, determina-se pelo que se demonstra mais pujante: a profissão de maior rentabilidade financeira, enquanto essa não é uma finalidade profissional, tampouco de quem preste serviço à

comunidade em setores desse assunto. Em todos os casos, médico é culturalmente médico.

Quando o estudante de medicina, o jovem Osório Abath Filho, ensinava no Seminário Arquidiocesano da Paraíba, fui seu aluno de Biologia. E aqui e acolá, ele provocava a turma com assuntos doutrinários, no campo da religião, como o de que “a alma não existe, e que a nossa alma é a hipófise”... E isso tornava-se uma discussão interminável. Certo dia a sua provocação foi sobre a dura vida de quem fosse padre, especialmente numa pobre freguesia do interior, onde o vigário se submetia, sem opção, a uma desconfortável vida. E que sobre isso lêssemos “As Chaves do Reino”, de A.J. Cronin, para sabermos a quais tempos difíceis estávamos nos preparando. O livro recomendado tirava a vocação de quem pensasse em ser padre numa vida fácil e confortável. Tratava de um jovem padre que idealizava catequizar uma pequena cidade da grande China, rindo do seu esforço, salientava do livro insucessos e cansaço, enfrentando um mundo curiosamente de muito diversificada cultura.

Como Osorinho, nós éramos curiosos e costumeiros leitores, e assim, dei o troco, sugeri a leitura de *A Cidadela*, também de A.J. Cronin, sobre um recém-formado médico, Doutor Andrew Manson, “idealista e sonhador”, que sofreu sérias dificuldades junto aos seus primeiros clientes, num pequeno vilarejo do País de Gales... Essa obra-prima, de indispensável leitura aos que se dedicam à medicina, trata das condições de trabalho dos médicos, no início do século XX. Essa obra ressalta que a finalidade do médico é curar, mesmo vivendo-se o drama das escolhas éticas, na prática da profissão, o que tanto se reflete na realidade atual.

Em *And His Man Works (Antropologia Cultural - Tomo I)*, Melville J. Herskovits cita ferramentas conceituais, usadas culturalmente por povos tribais, e estudadas por diversos pesquisadores antropólogos, que não separam dos tabus, dos contos folclóricos e interpretações espirituais, o diagnóstico das doenças e suas curas, contos folclóricos e interpretações espirituais, visto que o estado de espírito muito se relaciona com o estado corporal. Ele cita também Erwin H. Ackerknecht, que pesquisou o princípio de que “as diferenças entre as medicinas primitivas são muito menores nos elementos (...) do que no padrão médico que constroem e que está fundamentalmente condicionado por seu padrão cultural”. Esse cientista e

pesquisador ainda concluiu que, sobre a cultura e a medicina, ambas não são compartimentos isolados, entre a cultura de índios americanos, de cultura melanésia e outra de comunidade africana, a medicina faz parte da cultura e da sua mais ampla configuração. Diante disso, percebe-se que não é somente o ser médico que é cultural, mas o medicar alcança maior eficácia, quando praticado dentro dos moldes dos padrões culturais.

Num contexto da Antropologia, a cultura é muito ampla, define-se como realizações humanas que se diferenciam, conforme o relativismo cultural, causado pelos fatores físicos, biológicos, psicológicos e sociais. Assim como a cultura chinesa se distingue, por tais fatores, da nossa, ser médico na China se diferencia de ser médico entre nós, como também se distinguem os procedimentos da cura. Sem distinção, a cultura enche as nossas vidas e sobretudo os modelos das nossas profissões.

Ao falar de definição, o termo *medicina* significa, em outros idiomas, remédios, transformando-se na cultura popular, da língua portuguesa, em *mezinha*, o famoso remédio caseiro: chás, lambedores, compressas com folhas, como o uso do sebo de carneiro capado contra otite, do que é farto no livro *Estudos Etnomedicinais Sobre Plantas - I e Crenças Populares - II*, do médico paraibano Arnaldo Tavares, um dos fundadores da Faculdade de Medicina, na Paraíba.

Valho-me de *Guerra e Paz*, de Tolstoi (1828 – 1910), que, nas suas circunstâncias culturais, assim escreveu sobre médicos e doenças: “Os médicos que vinham vê-la, ora separadamente, ora juntos, falavam muito em francês, em alemão e em latim; criticavam-se uns aos outros e prescreviam os remédios mais diversos contra todas as doenças que conheciam; mas não lhes ocorria essa ideia tão simples de que não podiam conhecer a doença de que sofria Natacha, assim como qualquer outra doença que fere os seres humanos, pois cada homem apresenta suas particularidades e sofre sempre de sua própria doença, singular, nova e ignorada da medicina, e não de uma doença dos pulmões, do fígado, da pele, do coração, dos nervos, etc. que a medicina tem classificado, mas de uma doença que resulta de uma das inumeráveis combinações das afecções desses órgãos.”

Enfim, a medicina também é cultura...

REFERÊNCIAS

SIQUEIRA, Paulo. **Noção de Causalidade no pensamento de Aristóteles**. Revista Primordium. São Paulo. 2022.

TAVARES, Arnaldo. **Estudos Etnomedicinais sobre Plantas** (Tomo I). Recife, FACEPE, 2021

Crendices Populares (Tomo II). Recife, FACEPE, 2021

TOLSTOI, Liev. **Guerra e Paz**. Rio de Janeiro, Lux, Vols. I e II. 1960.

HERSKOVITS, Melville. **Antropologia Cultural – Man and his works (Vol I)** São Paulo, Mestre Jou, 1963.

CRONIN, A.J. **As Chaves do Reino**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1961.

CRONIN, A.J. **A Cidadela**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1963.